



**A praça Portugal como espaço, território ou lugar:
buscando marcadores teóricos numa pesquisa de caráter etnográfico¹**

Ana Cesaltina Barbosa MARQUES²

Faculdade Sete de Setembro, Fortaleza, CE

RESUMO

A observação de experiências de sociabilidade de jovens frequentadores da praça Portugal, em Fortaleza (CE), aponta para uma zona de interação estabelecida entre a praça e pontos do ciberespaço. Nesse contexto de pesquisa, em que foram realizadas incursões de caráter etnográfico, também surgem desafios teóricos. Já nos primeiros registros do trabalho de campo, ficou evidente que observar a praça como *espaço*, *território* ou *lugar* significaria encará-la de perspectivas diferentes. Considerando a relevância dessas opções para os rumos do estudo, buscou-se trazer tais marcos teóricos para alcançar o objetivo da pesquisa: identificar os sentidos elaborados e atribuídos à praça Portugal pelos jovens frequentadores do local.

PALAVRAS-CHAVE: Praça Portugal; espaço; território; lugar.

Na realidade urbana em que se sobrepõem espaços tradicionais e espaços conformados pela rede mundial de computadores modificam-se as formas de interagir comunicativamente e, com isso, diversos outros aspectos da vida social. Na experiência de lazer da juventude, amplia-se a possibilidade de contatos para além do âmbito familiar, das instituições de ensino ou das relações de vizinhança. Transformam-se as interações sociais e, também, os modos de estabelecimento de significação e identidade dos sujeitos entre si e com o ambiente nos quais se relacionam. Surgem novos meios de conferir sentidos aos espaços, portanto, outros modos de constituição de lugares. Das

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas do XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Docente dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda da Faculdade Sete de Setembro (FA7), em Fortaleza (CE); Mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Ceará (UFC); Especialista em Antropologia e Mundos Contemporâneos pela Universidade Católica de Brasília (UCB); Graduada em Comunicação Social pela UFC. Email: anacesaltina@gmail.com



interações sociais cotidianas, emergem sentidos elaborados para os lugares, que dizem respeito a experiências individuais e coletivas.

A praça Portugal, logradouro da cidade de Fortaleza, no Ceará, foi tomada para a observação aqui relatada com o objetivo de perceber a constituição de sentidos para a ocupação local, considerando as experiências dos jovens que frequentam a área nas noites de sábado³. A análise dos usos feitos do espaço e dos sentidos elaborados a partir de vivências individuais e coletivas dos frequentadores considerou interações engendradas em uma zona conformada entre a praça referida e uma comunidade *on-line* do *site* de redes sociais orkut, também denominada Praça Portugal.

Ao iniciar os registros das visitas à praça Portugal e à comunidade *on-line* Praça Portugal, evidenciou-se a necessidade de denominá-las genericamente. *Espaços*, *territórios* e *lugares* foram termos empregados à medida que eram indicados diferentes aspectos observados. Certa de que escolhas conceituais apontam diferentes perspectivas de análise, busquei aporte teórico com o intuito de encontrar o melhor caminho para enxergar os sentidos atribuídos à praça Portugal pelos frequentadores do local. Antes de examinar tais conceitos, optei por fazer referência aos lócus da pesquisa como “cenários”.

Os cenários como Espaços

*Espaço*⁴ é um conceito multifacetado. Santos (1996) qualifica a tarefa de defini-lo como árdua e, para executá-la, restringe seu foco à noção de espaço humano ou social, que contém ou é contido por múltiplos outros: o espaço da casa, da nação, o espaço terrestre e o extraterrestre. Apresenta a categoria ao mesmo tempo como universal (expressa por relações permanentes entre elementos que atravessam o tempo) e histórica (expressa pela significação de objetos, de seu conteúdo e de relações entre eles em um tempo dado e em determinado lugar).

A conceituação proposta por Santos para a definição de espaço indica a reunião da materialidade e da vida que a anima. O autor propõe considerá-lo como composto

³ A observação relatada foi realizada durante os anos 2008 e 2009, período de realização de pesquisa de campo de caráter etnográfico para a elaboração da dissertação de Mestrado *A praça Portugal como lugar: negociações de sentidos em encontros presenciais e mediados pelo computador*, defendida no programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará em 2010.

⁴ O conceito de *espaço* concebido na Geografia Tradicional, foi ressignificado por geógrafos que tomam como referência o materialismo histórico e dialético (Geografia Crítica) e, finalmente, redefinido por geógrafos humanistas e culturais (CORRÊA, 2000, p. 17).



por sistemas de objetos⁵ e sistemas de ações⁶. Chama o conjunto de objetos de “fixos” e afirma que o conjunto das ações dá origem a “fluxos”. Ele explica essa relação ao dizer que “os fluxos são resultado direto ou indireto das ações e atravessam ou se instalam nos fixos, modificando a sua significação e o seu valor, ao mesmo tempo que também se modificam” (1999, p.50).

Para Santos (1999, p. 51), a existência real do espaço estaria nas relações sociais construídas sobre uma existência material, à medida que as ações dariam sentido às coisas e aos objetos. Na perspectiva do autor, outra variável ainda desponta da relação de composição do espaço: a técnica⁷. Para ele, é por meio da técnica que se dá a relação entre o homem e a natureza, ou entre o homem e o meio. No espaço urbano, evidencia-se essa relação. As cidades representam bem a transformação do ambiente natural pelo emprego de sucessivos paradigmas tecnológicos⁸.

O espaço pode assim ser apontado como uma dimensão de interação entre sujeitos, cujas ações dão sentido à materialidade. Sendo composto por dimensões material e social, o espaço está sempre tomando novas formas. Na atual, a técnica marca o espaço pelo emprego da informação. Com o suporte de produtos da tecnologia da informação e comunicação⁹, “tudo produz informação”, declara Santos (1999, p. 257). Simples atos como andar nas ruas, realizar compras, conversar com alguém ao telefone são exemplos de ações que se modificaram com o emprego de aparatos digitais por serem passíveis de codificação, registro e armazenamento em forma de dados. Desse

⁵ Santos esclarece que alguns autores diferenciam “coisas” e “objetos”. “Coisas” seriam dádivas da natureza, formas naturais, como rochas, rios e nuvens. “Objetos” seriam produtos de elaborações sociais, formas artificiais, obras dos homens. Porém, Santos (1999, p. 53) ressalta que, na contemporaneidade, tudo tende a ser objeto, já que mesmo as coisas, quando utilizadas pelos homens com intenções sociais, passam a ser consideradas objetos. Outro aspecto importante sobre os objetos é que ultrapassam o caráter utilitário, constituindo símbolos ou signos. Os objetos relacionam-se com a linguagem, por esta tornar possível seu reconhecimento e identificação. A criação dos objetos depende de condições sociais e técnicas de um dado momento histórico.

⁶ Para Santos (1999, p. 64), a ação é um processo dotado de propósito. Ela está subordinada a normas, escritas ou não, formais ou informais.

⁷ O termo técnica define-se como “conjunto de regras aptas a dirigir eficazmente uma atividade qualquer” ou ainda “procedimento qualquer, regido por normas e provido de certa eficácia”. O termo ainda pode ser empregado como sinônimo de tecnologia ao indicar “a totalidade das técnicas dominadas por determinado grupo ou cultura”, num emprego da acepção etnológica ou antropológica da palavra (ABBAGNANO, 2007, p. 1108-1109).

⁸ Santos (1999, p. 189) apresenta uma cronologia da produção das técnicas citando marcos como a Revolução Neolítica, quando o homem passa a produzir instrumentos com pedras polidas; a Revolução Industrial, em que se inaugura a era das máquinas; e a Revolução Cibernética, em que são desenvolvidos objetos autômatos.

⁹ O período técnico atual, chamado por Santos (1999, p. 146) de técnico-científico-informacional, começou a se desenvolver após a Segunda Guerra Mundial e ganhou impulso nos anos 1970. Com fins bélicos, alguns países financiaram pesquisas para o desenvolvimento da energia nuclear, da informática e da engenharia genética, ultrapassando aos poucos os paradigmas da eletricidade e da química de síntese, iniciada no fim do século XIX. A fusão das telecomunicações analógicas (impressos, rádio e TV) com a informática possibilitou o surgimento das chamadas tecnologias digitais de informação e comunicação, que permitem a veiculação de mensagens nos diversos formatos (texto, áudio, imagem e vídeo), com a possibilidade de transmissão em tempo real e de comunicação bidirecional entre grupos e indivíduos.



modo, são construídos imensos bancos de informações sobre a vida cotidiana dos habitantes de meios urbanos marcados por objetos chamados informacionais.

Castells (2007), ao analisar o que chama de “sociedade em rede”, identifica a formação de “espaços de fluxos”, categoria que nos foi útil para pensar o cenário da comunidade *on-line* Praça Portugal. Como Santos (1999), Castells (2007) também aponta a emergência do paradigma tecnológico baseado nas tecnologias da informação e comunicação e indica a emergência de uma forma de organização social fundada em redes. Suas reflexões partem da premissa que é a sociedade que dá forma à tecnologia, daí a importância de observarmos seus usos sociais.

O autor afirma que as redes digitais de comunicação são uma espécie de coluna vertebral da sociedade em rede. Por meio dessa infra-estrutura, haveria flexibilidade e descentralização de ações, o que originaria fluxos globais de naturezas diversas: de capital, de informações, de imagens, de sons e de símbolos. Para Castells (2007), a estrutura da sociedade em rede seria resultante da interação entre o paradigma técnico informacional e a organização social num plano geral. Desse cruzamento, surgiriam novas possibilidades de organização política, econômica e social.

A interconexão mundial de computadores e o espaço que se inaugura por esse mecanismo representam de forma paradigmática a abertura de possibilidades para mudanças nessas diversas áreas. Esse espaço – ao qual o acréscimo do prefixo ‘ciber’ indica natureza telemática - é composto tanto da infra-estrutura material para a comunicação digital (cabos, microprocessadores etc.) quanto do universo de informações que abriga e das pessoas que o alimentam, afirma Lévy (1999, p. 109).

Ao pensar nas implicações das novas tecnologias de informação e comunicação para a organização espacial, Castells (2007) diferencia duas categorias de espaços que coexistem na organização da sociedade em rede: espaços de lugar e espaços de fluxo. Lugares são espaços interativos significativos constituídos pela diversidade de usos e funções de um determinado local com contiguidade física (CASTELLS, 2007). Já os espaços de fluxo se definem por uma concentração de interações, apesar da descentralização espacial daqueles que interagem. Mesmo sem contiguidade física, os espaços de fluxos não prescindem de suportes materiais: dependem de um conjunto de elementos que sustentam esses fluxos e propiciam a sua articulação em tempo real¹⁰.

¹⁰ Em se tratando de comunicação, as tecnologias digitais de informação marcam a sociedade contemporânea em, pelo menos, três grandes pontos: aceleram consideravelmente os fluxos de informação a ponto de realizar a transmissão em fração de segundos, situação conhecida como transmissão em tempo real ou telepresença; facilitam o armazenamento de um número cada vez maior informações em suportes cada vez menores; criam grandes repositórios de informações sobre atividades sociais, econômicas e políticas, alguns acessíveis na rede mundial de



Os espaços de fluxo não se opõem aos espaços de lugar, mas problematizam-nos, declara Castells (2007). Faz isso da mesma maneira que o tempo real atinge a noção de tempo cronológico. Os espaços em que os jovens frequentadores da praça Portugal vivem suas rotinas, com temporalidade organizada de forma cronológica, são, para o autor, espaços de lugares. Refere-se à casa, escola ou local de trabalho. A interface desses locais com espaços de fluxos transforma as experiências de espaço e tempo. A sensação de estar junto (seja na inserção em um grupo ou na relação entre grupos diversos) experimentada nos encontros de sábado é, de algum modo, prolongada pela possibilidade de interação que a comunidade *on-line* Praça Portugal oferece a seus membros, também frequentadores da praça.

Modificam-se as possibilidades de interação entre sujeitos dispersos espacial e temporalmente. Nos encontros de sábado, os jovens frequentadores da praça Portugal interagiam face a face (THOMPSON, 1998), diante de seus pares e daqueles identificados como diferentes. Neste momento, vivenciavam as mesmas referências de espaço e tempo. Havia, então, um caráter dialógico direto. Existiam condições para que o fluxo de informação verbal e não verbal tivesse mão dupla, fosse imediato.

Uma característica marcante da interação face a face é o que Thompson (1998, p. 78) chama de multiplicidade de deixas simbólicas, que contribui para a transmissão e interpretação de mensagens. O autor se refere a gestos, mudanças na fisionomia ou entonação da voz, elementos que tem tanto potencial comunicativo quanto as palavras e podem reforçar ou lançar dúvidas sobre o que é dito.

Durante o período de pesquisa de campo, verificou-se que, ao fim das noites de sábado, esses jovens lançavam mão de objetos informacionais para continuar conectados. Especialmente o computador era usado para a interação em sistemas de *chats* e *site* de redes sociais, como o orkut. Na comunicação mediada pelo computador, ocorre a transmissão de conteúdo simbólico para sujeitos distanciados no espaço e no tempo, com separação dos contextos de produção e recepção das mensagens. Tal fato reduz o acesso às deixas simbólicas, de que trata Thompson (1998, p.79). Mesmo com o uso de câmeras, que permitem ver e ouvir o interlocutor em tempo real, há limitação da capacidade de percepção do sujeito e do contexto da conversa¹¹.

computadores (LÉVY, 1999).

¹¹ As condições de interação na comunicação mediada por computador configuram algumas das restrições impostas à utilização da observação participante no ciberespaço, conforme discutido na introdução.

Os cenários como Territórios

Ao inserir a variável “poder” no sistema espacial, constitui-se outra categoria de análise, a de *território*¹². No confronto das definições de território e espaço, vê-se que não são coincidentes. Souza (2000) indica que o conceito de espaço seria anterior à consideração das relações de poder. Ao observar um território, percebe-se quem domina ou influencia determinado espaço, e como isso ocorre.

A noção de território apresentada por Souza (2000) difere da noção rígida da tradicional Geografia Política ao considerar não o substrato material e, sim, o campo de forças em que as relações de poder estão espacialmente delimitadas. O autor conceitua território como “um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder” (2000, p. 96). Em sua visão, ele é percebido por seus limites, por suas fronteiras, nem sempre fixas. Mostra-se fundamental para a organização e o funcionamento dos grupos sociais, por afetar em muitos sentidos o modo de vida dos sujeitos: funciona como suporte material da existência, catalisador cultural e simbólico, atribui identidade ao conjunto de indivíduos.

A flexibilização da visão do que seja território permite sua aplicação a vários tipos de organização espaço-temporal e também de redes de relações que se estabeleçam sem que haja necessariamente uma superposição entre espaço concreto (com seus atributos materiais) e território (como campo de forças). Souza (2000) apresenta exemplos do que chama territorialidades flexíveis, que comportariam instabilidades temporais e espaciais. O autor faz referência a estudos desenvolvidos especialmente no ramo da Antropologia Urbana que, ao considerar territórios de grupos determinados, exigiram outras perspectivas do conceito.

Souza (2000, p. 87-96) estabelece subtipos de territorialidades a partir de casos comentados. Trata de uma “territorialidade cíclica” ao referir-se a situações em que ocorre alternância temporal habitual, como o usos diurno e noturno de um mesmo espaço por exemplo. Apresenta um “território com temporalidade bem definida” quando ocorre a apropriação de um espaço por certo grupo em momentos específicos. Cita uma “territorialidade móvel” caracterizada quando os limites ou fronteiras tendem a ser

¹² Ao apresentar as múltiplas faces do conceito de território, Souza (2000) afirma que esse conceito surgiu no âmbito da Geografia Política referindo-se ao espaço concreto, com seus atributos naturais e socialmente construídos, ocupado por um grupo social. Essa noção mostra-se então rígida, considerando a durabilidade dos limites do território, condição para que fosse gerada uma identidade socioespacial; “identidade na verdade não apenas com o espaço físico, concreto, mas com todo o território e, por tabela, com o poder controlador desse território” (SOUZA, 2000, p. 84). Essa abordagem, ainda em uso, associa a noção de território à ideia de território nacional, referente a um Estado-Nação. Trata-se, segundo autores como Ratzel (1974 apud SOUZA, 2000, p. 85), de um tipo específico de territorialidade, carregado de “história, tradição e ideologia”.



instáveis, com áreas de influência deslizando por sobre o espaço concreto. E, por fim, propõe a visualização de uma “territorialidade em rede, território-rede ou território descontínuo” que não pressupõe uma contiguidade espacial, por isso também chamado de territorialidade de baixa definição. Seria formado por um conjunto de nós conectados por arcos, que corresponderiam a fluxos de bens, pessoas ou informações. O autor ressalta que cada nó de um território descontínuo é também um território. Assim, o território descontínuo seria uma rede articular de dois ou mais territórios contínuos.

A discussão sobre territórios flexíveis aponta, como mostra Souza (2000, p. 94), para a superação de uma limitação da noção clássica de território que é a exigência de exclusividade de um poder em relação a um dado recorte espacial. Assim, reforça a noção de que quase sempre ocorre a superposição de diversos territórios, com formas variadas e limites não-coincidentes. Ocorrem ainda contradições entre as diversas territorialidades por atritos entre os poderes. O autor indica a presença de territórios em toda a espacialidade social em que o homem esteja presente, já que o poder seria onipresente nas relações sociais. Em suas palavras, identifica territorialidade como “uma interação entre seres humanos mediatizada pelo espaço” (SOUZA, 2000, p. 99).

O conceito de território flexível apresentado por Souza (2000) permite visualizar melhor as relações estabelecidas pelos jovens frequentadores da praça Portugal, de modo independente do recorte concreto da praça. Desse modo, é possível considerar o campo de forças que se estabelece por meio de interações entre os encontros presenciais de sábado na área da Praça, em seu entorno e na comunidade *on-line* Praça Portugal no orkut.

Usando categorias apresentadas por Souza (2000), identifica-se uma territorialidade cíclica e de temporalidade bem definida, já que os encontros presenciais ocorrem sempre aos sábados à noite, aproximadamente entre 17 e 22 horas. Mesmo os encontros presenciais, caracterizam-se pela chamada territorialidade móvel, pois sua área de influência desliza por sobre o entorno da praça Portugal, abrangendo ruas e estabelecimentos comerciais, especialmente a área de um shopping. Se considerados os vetores que partem do espaço concreto e incidem sobre as relações no ciberespaço, ou vice-versa, é possível falar em territorialidade em rede, formada por um conjunto de outros territórios descontínuos, ou seja, os lugares de onde interagem os sujeitos conectados.

Ao se apropriarem da praça e estabelecerem ali relações de poder, os jovens frequentadores transformam-na em território. Projetam sobre o espaço público um



campo de forças que imprime demarcações físicas e simbólicas. Tais demarcações se fazem por interações comunicativas verbais e não verbais por vezes imperceptíveis a quem não integra o território. Algumas ações realizadas pelos jovens frequentadores da praça podem exemplificar manifestações do campo de forças formado por interações entre a praça e a comunidade *on-line* Praça Portugal.

No dia 4 de abril de 2009, às 17 horas, cerca de 40 pessoas fizeram da área central da praça Portugal um campo de batalha. As armas usadas para atingir diretamente os corpos dos adversários eram travesseiros. Segundo os participantes, no auge do encontro estiveram reunidas aproximadamente 70 pessoas, realizando ataques e esquivas. O evento denominado *Pillow Fight* é do tipo *flash mob* (traduzido do inglês por "multidão instantânea"), um tipo de *performance* coletiva que ocorreu simultaneamente em vários lugares do mundo.

A mobilização para a *Pillow Fight* em Fortaleza se deu também por meio da comunidade *on-line* Praça Portugal no *site* de redes sociais orkut. Durante algumas semanas, o convite ficou estampado na página inicial da comunidade. O evento caracterizou uma ação iniciada com um chamamento no ciberespaço e que culminou no espaço concreto da praça. Representou a possibilidade de desencadear uma ação a partir da mobilização de forças em território instaurado entre a praça e a comunidade *on-line*, deixando evidente a continuidade das relações *on-line* e *off-line*.

Olhar a praça Portugal nas tardes e noites de sábado, ver jovens sentados ou deitados na grama, abraçando-se, beijando-se ou brigando, circundando a área central em grupos, subindo no monumento central, isso é perceber demarcações de um território que se manifesta naquela espacialidade, num intervalo específico, mas que não cessa com a dispersão dos sujeitos. Esse mesmo campo de forças encontra outros anteparos, inclusive no ciberespaço, entre eles a comunidade *on-line* Praça Portugal do *site* de redes sociais orkut.

Também é possível considerar a praça e a comunidade *on-line* dois pontos de um "circuito" (MAGNANI, 2002) em que se aglutinam vetores que compõem o campo de forças em questão. Poderiam ser citadas outras comunidades *on-line*¹³, outros espaços da cidade¹⁴ em que os mesmos sujeitos se encontram. Cada um desses pontos tem suas

¹³ As comunidades do *site* de redes sociais orkut que reúnem frequentadores da Praça Portugal foram listadas no capítulo um.

¹⁴ Boa parte dos jovens que frequentavam a Praça Portugal aos sábados entre 2008 e 2009 ia, aos domingos, a outra praça agregada a um shopping da zona norte da cidade, chamada por eles "Praça do Noth Shopping".



próprias características materiais, técnicas e temporais que condicionam as ações. Cada um desses pontos pode ser visto como um lugar específico.

Os cenários como Lugares

Ao voltar o olhar para o cotidiano, é possível perceber que os sujeitos marcam os espaços e os espaços marcam os sujeitos. Assim são construídas relações de identificação dos sujeitos para com os recortes espaciais e entre sujeitos que convivem em uma mesma área. Dessas conexões, emerge uma complexa rede de significados que diz respeito a subjetividades e a coletividades, sendo o espaço a dimensão mediadora dessa negociação de sentidos. Esse conjunto constitui os *lugares*¹⁵.

Carlos (1996, p. 29) afirma que os lugares são conformados por relações sociais a partir das apropriações dos espaços.

O lugar é a porção do espaço apropriável para a vida – apropriada através do corpo – dos sentidos – dos passos de seus moradores, é o bairro, é a praça, é a rua. (...) Os percursos realizados pelos habitantes ligam o lugar de domicílio aos lugares de lazer, de comunicação, mas o importante é que essas mediações espaciais são ordenadas segundo as propriedades do tempo vivido (CARLOS, 1996, p. 21-22).

Ao se encontrarem na praça Portugal nas tardes e noites de sábado, os jovens frequentadores modificam de forma evidente o cenário. A praça deixa de ser um adorno à paisagem e sua superfície torna-se área disputada. A área ladrilhada com pedras portuguesas é espaço para ficar de pé ou circular em grupos, e também sozinho. Os bancos são ocupados logo no começo da noite e continuam ocupados até perto das 22 horas. A área gramada parece convidar para posturas mais relaxadas; sentar e até deitar. Árvores são encostos preferidos por casais. Pequenos arbustos podem oferecer sombra diante dos ofuscantes faróis dos veículos que circundam a praça.

Nessa dinâmica, os sujeitos tomam a praça e a praça também toma os sujeitos. Independente do estilo a que se alinham, grupos e indivíduos incorporam um jeito de ser próprio dos frequentadores da praça Portugal. A travessia das ilhas laterais para a área central da praça é um bom momento para identificar uma postura que diferencia esses

¹⁵ O conceito de lugar surge na Geografia Tradicional, com orientação positivista, para expressar a ideia de a menor unidade geográfica a ser pesquisada, equivalendo ao conceito de local, ou seja, a localização de uma pequena área em escala geográfica (HOLZER, 2003, p.113). É a partir de 1998, com a instituição de parâmetros curriculares nacionais influenciados pela Geografia Crítica, que o conceito de lugar passa a fazer referência às relações construídas a partir do espaço vivido. Desde então, o lugar passou a não ser identificado de forma estática, representando apenas um ponto no sítio cartográfico, e, sim, ligado as relações que se estabelecem ao longo do tempo entre os diferentes sujeitos e a realização de suas ações.



jovens dos demais pedestres. Sem muita cerimônia ou pressa, eles desafiam e desaceleram o trânsito de veículos, chegando, por vezes, a interrompê-lo.

Essa ação conduz à pergunta: será que ao longo da semana esses jovens frequentadores da Praça Portugal faziam suas travessias por outras vias da cidade, sozinhos ou em outras companhias, com a mesma postura desafiadora? Provavelmente não. Porque a *performance* relativa à identidade “nós da praça Portugal” possuía uma espacialidade e uma temporalidade específica; construía-se ali, naquele espaço, naquele dia e horário pré-combinado, com aqueles elementos e entre aqueles jovens especificamente. No cruzamento dessas variáveis, são negociados sentidos para o lugar praça Portugal, que se referem aos modos de percebê-lo e vivenciá-lo.

A partir dos sentidos e das referências elaboradas nos (e para os) lugares ocorre a normatização de usos e comportamentos, o que não impede o desenrolar de ações imprevisíveis, muito pelo contrário. O lugar é apropriado à criação, à invenção, que renovam os usos feitos do espaço, como indica Santos (SANTOS, 1999, p. 258):

[...] é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas também é o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações e espontaneidade e da criatividade.

Na observação de um lugar, o foco volta-se para as vivências dos sujeitos inscritos na materialidade espacial. Tuan (1983) definirá lugar ao observar a construção de vínculos entre os sujeitos em determinados recortes espaciais e ao longo de certos períodos de tempo. Para o autor, seria esta experiência vivida sensorialmente e a convivência com outros sujeitos que condicionaria um recorte espacial como lugar. Para ele, nasce sempre, junto com o *lugar*, o sentimento de pertencimento.

A construção da identidade ou do sentimento de pertencimento a um lugar passa pelas formas de apropriação do espaço envolvido. O recorte espacial habitado ou usado fica marcado pela presença dos sujeitos, por resíduos, pelo efeito do tempo, das nomeações e normatizações. Essa relação de identificação, indica Carlos (1996, p. 21), é vivenciada por meio do corpo. A autora diz que o lugar é “o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo”.

Na apropriação do espaço pelos sujeitos, evidencia-se uma dimensão comunicativa relevante para a constituição do lugar. Como indica Augé (1994): “o lugar se completa pela fala, a troca alusiva a algumas senhas, na convivência e na intimidade



cúmplice dos locutores” (AUGÉ, 1994, p. 73). Tuan (1983) também aponta como fundamentais os processos cognitivos envolvidos na transformação de um espaço em lugar. São ações de conhecimento e reconhecimento de objetos e de sujeitos inscritos. O ato de conhecer o espaço pressupõe operações por meio das quais se estabelece relações de identidade com os fixos (objetos) e fluxos (ações ou práticas cotidianas). Desse modo, os lugares adquirem sentidos, significados, tornam-se “núcleos de valor” (TUAN, 1983, p. 20).

Por ser espaço de produção de sentido - ação que diz respeito à experiência coletiva e relativa ao ambiente, mas também à subjetividade - Carlos (1996) ressalta que um lugar pode ter múltiplos significados. Tais significados emergem de diferentes formas de apropriação, e podem ser evidências de processos de fragmentação do lugar. Nestas fendas abertas, encontram-se manifestação de resistências que constroem outros usos e normatizações para o espaço. Assim, ao observar os lugares, é preciso considerar os dados relativos às afetividades e aos sentimentos de pertencimento que constroem identidades, mas também os conflitos que decorrem de desencontros motivados por relações de diferença e competitividade.

A noção de *sentido*¹⁶, numa perspectiva da semântica, diz respeito à “faculdade de sentir, de sofrer alterações por obra de objetos exteriores ou interiores.” (ABBAGNANO, 2007, p. 1.038). Se uma palavra pode admitir vários significados (polissemia), é possível dizer que um lugar terá tantos sentidos quantos forem os sujeitos e grupos que vivenciarem experiências em tal espaço, em contato com seus fixos (objetos) e fluxos (ações) (SANTOS, 1999).

Um sentido constitui-se de diferentes dimensões¹⁷. Ao abordá-las, Pereira (2001) identifica a face subjetiva, que se relaciona com a experiência individual; a face conceitual, que identifica algo de forma genérica; e a face conotativa, oriunda de uma associação de ideias que emerge do cruzamento do conceito com a experiência.

Desse modo, alguém que nunca visitou a praça Portugal pode referir-se a ela com uso de um sentido conceitual: logradouro público da cidade de Fortaleza, situado no cruzamento das avenidas Dom Luís e Desembargador Moreira. Se esse mesmo sujeito visitar a praça num sábado, certamente guardará para si um sentido particular, constituído a partir do que viu, ouviu, sentiu e de como foi recebido pelos demais

¹⁶ A noção de sentido e a reflexão acerca de sua produção social são feitas aqui de modo interdisciplinar e consideram discussões ambientadas na Comunicação, Linguística, Psicologia Social e Antropologia.

¹⁷ A classificação das dimensões do sentido aqui apresentada segundo a proposta de Pereira (2001) é apenas uma diante de muitas já propostas. Foi empregada por adequar-se à ilustração simples descrita sobre as diversas dimensões de sentidos possíveis de serem elaboradas para a Praça Portugal.



frequentadores. Poderá, assim, fazer uso de sentidos conotativos para referir-se ao espaço, por dispor de elementos conceituais e subjetivos. Minhas observações e a minha própria experiência de pesquisa de campo indicam a sobreposição de impressões captadas por meio de estímulos sensoriais e conceituais para a elaboração de sentidos de lugar para Praça Portugal.

Ao frequentar a praça, pus-me a conversar sobre o que significaria aquele espaço de convivência para meus interlocutores. Porém, o mais expressivo para mim ao estar inserida naquele cenário, era observar os encontros, sentir as tensões e descontrações estabelecidas a cada ponto diferente do espaço, prevalecendo a experiência sensorial. Diferentemente, ao acompanhar as interações na comunidade Praça Portugal no orkut, a dimensão conceitual apresentou-se em primeiro plano. A plataforma de suporte para redes sociais o orkut como meio de interação favorece o uso da palavra escrita. Com esses recursos, os jovens frequentadores elaboravam definições para ‘praça Portugal’.

Assim, Spink e Medrado (2004) destacam que a ambiência em certo grupo social influencia as possibilidades de elaboração de sentidos por serem estes produtos de consciências e práticas cotidianas. O tempo torna-se variável também relevante à medida que as práticas sociais se modificam tanto quanto os sujeitos. Por isso, em geral convivem velhos e novos sentidos, sempre passíveis de renovação. Tratam-se de processos de negociação estabelecidos no jogo das relações sociais, em que se desenrolam trocas simbólicas.

Considerando as diversas percepções sobre a produção de sentidos, busquei identificar os sentidos de lugar negociados pelos jovens frequentadores da praça Portugal na zona recortada entre a praça e a comunidade *on-line* analisada. Mas não fiz uma leitura textual das falas com as quais me deparei tanto nos encontros presenciais, quanto nas conversas tabuladas nos tópicos da comunidade *on-line*. Busquei expressões dos sentidos que despontaram de diálogos, mas também de comportamentos, gestos, relatos de experiências e usos feitos do espaço.

Aproximei-me assim da tradição etnográfica pelo uso da técnica da observação participante em busca dos sentidos de situações, eventos e gestos por meio da empatia. A busca por significados constitui o cerne da descrição densa, processo que caracteriza a etnografia como o decifrar de mensagens escritas em um código partilhado culturalmente, em ações cotidianas (CLIFFORD, 1978, p. 15). Com isso, foi considerado também o contexto mais amplo: ser jovem, no espaço urbano de uma



cidade do Nordeste do Brasil, em meio a jogos de forças e trocas simbólicas locais e globais.

De modo geral, os diferentes sentidos de lugar representam fragmentações que se formam através do tempo e no espaço, seja pela gestão realizada dos lugares, seja pela transformação dos vínculos, seja pelos usos feitos dos espaços. Por isso, a análise dos sentidos de lugares revela a simultaneidade e a multiplicidade de espaços sociais que se justapõem e se interpõem no cotidiano. Assim, um lugar não se define apenas como um recorte espacial, mas como ponto de integração espaço-temporal. Carlos (1996) afirma que no lugar “há a convergência entre passado-presente-futuro, entre o individual e o socializante, sendo lugar de expressão dos conflitos, afrontamentos-confrontações”.

Por isso, ao buscar os sentidos preponderantes atribuídos ao lugar praça Portugal pelos jovens frequentadores do local em 2008 e 2009, fez-se necessário voltar no tempo a fim de compreender como foram gerados tais sentidos. Dados coletados na comunidade *on-line* Praça Portugal permitiram remontar percursos de grupos juvenis que adotaram o local como ponto de encontro desde o início dos anos 2000. A pesquisa empreendida se alinha com a visão de Carlos (1996, p.22), quando a autora afirma que “o lugar só pode ser compreendido em suas referências, que não são específicas de uma função ou de uma forma, mas produzidas por um conjunto de sentidos, impressos pelo uso” (CARLOS, 1996, p.22).

Considerações finais

No contexto dessa pesquisa, o apoio do conceito de lugar favoreceu a indicação dos sentidos elaborados pelos jovens frequentadores para o lugar praça Portugal à medida foram identificadas as relações estabelecidas na zona de interação delineada entre a praça e a comunidade *on-line* Praça Portugal. Os achados são resultado do cruzamento de informações reunidas a partir do acompanhamento de conversas tabuladas em tópicos da comunidade *on-line* e entrevistas realizadas em encontros presenciais e via *chat*. Desse modo, foram apontadas as conotações com as quais os frequentadores se referem de forma predominante à praça Portugal.

Os usos feitos do espaço da praça, de que emergem os sentidos de lugar, expressam os modos de identificação dos frequentadores para com o espaço. Apesar de serem apontados genericamente como “pessoal da praça Portugal”, ou “galera da PP”, entre si não configuram grupo homogêneo, guardando entendimentos diferenciados



sobre a normatização devida do espaço. Nos encontros presenciais e também em interações mediadas por computador, esses jovens negociavam usos para o espaço.

As transformações e a sobreposição de sentidos para o lugar praça Portugal desde o início dos anos 2000 refletem mudanças no público frequentador, na oferta de estilos no mercado global, nos circuitos juvenis da cidade de Fortaleza. É possível assim dizer que a praça Portugal dos anos 1980 não é o mesmo lugar que a praça Portugal dos anos 2000. Seria ainda possível dizer que, com uma distância menor, a praça Portugal frequentada por jovens em 2004, ano de criação da comunidade *on-line* analisada, não é a mesma vivenciada por outros jovens em 2009.

Nos encontros na praça e na comunidade *on-line* Praça Portugal, é possível observar o encontro de forças locais e influências de sistemas globais que permeiam as relações dos sujeitos entre si e com os espaços. Isso está evidente na forma como se relacionam, por meio do consumo de bens simbólicos, com estilos estabelecidos globalmente, que sugerem seus modos de vestir, o que ouvir, como se comportar. Assim o mundial se realiza no cotidiano. Identidades locais vão sendo modificadas a partir de fluxos globais.

Observando as relações dos frequentadores entre si e com o espaço da praça Portugal, foi possível observar a permanência, em 2008 e 2009, de sentidos elaborados para o lugar ao longo dos anos 2000: espaço para vivências de liberdade de ação e expressão; de realização de escambo ou comércio paralelo de bens simbólicos; de confronto com a diversidade de estilos juvenis; e de estreitamento de laços de amizade.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- AUGÉ, M. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papyrus, 1994.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- CARLOS, A. F. A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- CLIFFORD, J. **A experiência etnográfica**: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.
- LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.



HOLZER, W. O conceito de lugar na Geografia Cultural-Humanista: uma contribuição para a Geografia contemporânea. **GEOgraphia**. Niterói, ano V, nº 10, p. 113-123, 2003.

SANTOS, M. **Por uma Geografia nova**: da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. **A natureza do espaço**: espaço e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1999.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 1998.

SOUZA, M. J. L. de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In:

CASTRO, I.; GOMES, P.; CORRÊA, R. (Orgs.) **Geografia**: conceitos e temas. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2000. p. 77-116.

SPINK, M. J. P.; MEDRADO, B. Produção de sentidos: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. In: SPINK, M. J. P. (Org.) **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**: aproximações teóricas e metodológicas. São Paulo: Cortez, 2004. Cap. 2, p. 41-61.

TUAN, Y. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução conceitual. In: SILVA, T. T. da (Orgs.) **Identidade & diferença**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 7-72.